

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE FORMA LITERÁRIA NA OBRA DE ANTONIO CANDIDO

CONSIDERATIONS ON THE CONCEPT OF LITERARY FORM IN THE WORK OF ANTONIO CANDIDO

Wagner Fredmar Guimarães Júnior¹

O que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.

William Faulkner

O crítico é aquele que nas formas entrevê o destino.

György Lukács

RESUMO

Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017) é considerado um dos maiores críticos e teóricos da literatura brasileira de todos os tempos. Através do estudo da literatura, compreendida por ele como um modo substancial de pensamento acerca da realidade histórico-social, construiu uma verdadeira interpretação do Brasil. Para isso, o crítico desenvolveu, ao longo das décadas, um conceito particular de *forma literária*, a partir do qual analisou obras de grande importância da literatura brasileira. O presente artigo tem como objetivo, diante disso, realizar considerações sobre os pontos principais desse conceito, procurando evidenciar o refinamento e algumas nuances essenciais do constructo teórico de Candido.

Palavras-chave: Antonio Candido de Mello e Souza; Forma literária; Intérpretes do Brasil.

ABSTRACT

Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017) was perhaps the greatest critic and theorist of Brazilian literature of all time. Through the study of literature, understood by him as a substantial way of thinking about the historical-social reality, he constructed a true interpretation of Brazil. To this end, the critic developed, over the decades, a particular concept of literary form, from which he analyzed works of great importance in Brazilian literature. The aim of this article, therefore, is to make considerations about the main points of this concept, seeking to highlight the refinement and some essential nuances of Candido's theoretical construct.

Keywords: Antonio Candido de Mello e Souza; Literary form; Brazil's interpreters.

¹ Professor de Literatura brasileira no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), de Belo Horizonte, com atuação nos cursos de graduação em Letras-Tecnologias da Edição e técnico integrado ao ensino médio. Doutor em Literatura brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: wagnerfgjr@gmail.com

Introdução

Antonio Candido é um dos mais importantes críticos e teóricos da literatura brasileira de todos os tempos. A partir de uma compreensão da literatura enquanto modo especial de reflexão sobre a realidade concreta, alinha-se aos grandes nomes que procuraram, em suas obras, construir reflexões críticas e interpretações da realidade brasileira. Esse processo se dá por meio da construção e do desenvolvimento de um conceito específico de *forma literária*, sobre o qual farei a seguir algumas considerações, buscando expor alguns de seus pontos centrais. Antes disso, embora Antonio Candido dispense, de modo geral, apresentações em nosso meio, farei um breve, mas minucioso, apanhado de sua trajetória acadêmica e profissional, a fim de situar o leitor sobre esse aspecto. Em seguida, entrarei no ponto central deste artigo, analisando e discutindo pontos sobre o conceito de *forma literária* desenvolvido pelo crítico.

A trajetória acadêmica e profissional de Antonio Candido

Nascido em 1918, no Rio de Janeiro, Antonio Candido de Mello e Souza forma-se em Ciências Sociais, pela Universidade de São Paulo, e em 1942 passa a lecionar Sociologia nessa mesma universidade. Em 1945, torna-se livre docente em Literatura Brasileira pela USP, onde permanece até 1958 – nesse mesmo concurso, o modernista Oswald de Andrade fica em segundo lugar e sai também livre docente. De 1958 a 1960, ocupa a cadeira de Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (futura UNESP).

De volta à USP em 1961, implementa o ensino de Teoria Literária e introduz a disciplina Literatura Comparada nos currículos da graduação e da pós-graduação em Letras. No período de 1964 a 1968, leciona Literatura Brasileira e Comparada nas universidades de Paris e Yale. Em 1974, torna-se Professor Titular da cadeira de Literatura Brasileira na USP, e posteriormente Professor Emérito. Em 1977, funda o Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, sendo seu primeiro diretor, além de Professor *honoris causa* em 1987.

Entre 1945 e 2002, publica mais de duas dezenas de sólidas e reconhecidas obras nos campos dos estudos literários e da sociologia, dentre as quais destaco aqui:

Revista de Letras Norte@mentos

492

Estudos Literários, Sinop, v. 17, n. 47, p. 491-501, jan./jun. 2024.

Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1959), seu mais importante estudo, *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária* (1965) e *O discurso e a cidade* (1993).

De 1960 a 2000, Candido vence em diversas categorias nove edições do prêmio Jabuti (com os trabalhos acima citados, respectivamente, em 1960, 1966 e 1994), o prêmio Camões pelo conjunto de sua obra e o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras – apenas para mencionar os mais importantes.

Não posso deixar de citar aqui, também, o importante trabalho do Professor como Crítico Literário em jornais e revistas, entre os anos de 1941 e 1970 – trabalho que marca o início de sua atividade intelectual. De 1941 a 1945, integra a revista *Clima*, fundada por ele e um grupo de amigos – Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Sales Gomes, sua futura companheira, a Professora da USP Gilda de Mello e Souza, dentre outros. De 1943 a 1947, escreve para o jornal *Folha da Manhã*. Por fim, de 1956 a 1970, comanda o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de São Paulo*.

Por fim, como faz questão de ressaltar o crítico Roberto Schwarz, em discurso lido na cerimônia em que a Universidade Estadual de Campinas concedeu o título de doutor *honoris causa* a Antonio Candido, em 1987, também é preciso mencionar aqui a importância da atividade política e de intervenção do então homenageado – aspecto pouco mencionado a seu respeito. Nas palavras de Schwarz:

[...] não era indiferente que na década de 40 o professor de sociologia [Antonio Candido] fosse também militante antifascista, redator de uma revista democrática, e, mais tarde, diretor da *Folha Socialista* e presidente da seção de São Paulo da Associação Brasileira de Escritores. [...] Está viva na memória dos mais velhos a solidariedade do professor de Teoria Literária, já então muito eminente, com os alunos e colegas perseguidos [pela ditadura de 64]. [...] Há também a entrevista concedida à revista *IstoÉ*, no final do governo Geisel, em que Antonio Candido dava o primeiro passo para devolver ao socialismo o direito de cidade no debate público. [...] E lembremos por fim que Antonio Candido foi vice-presidente da Adusp, a qual abriu a luta, dentro da universidade, contra a perseguição ideológica e a favor da reintegração dos professores cassados, criando as condições para a superação das aberrações do período anterior. [...] (SCHWARZ, 1999, p. 16).

Lembre-se, ainda, que Candido participa, em 1980, da fundação do Partido dos Trabalhadores, ao qual foi filiado até a sua morte, em maio de 2017, um mês antes de completar 99 anos.

Exposto esse breve panorama, pode-se afirmar que a totalidade da atividade intelectual de Antonio Candido só pode ser apreendida quando se pensa articulada e inseparavelmente sua atuação como Professor, Crítico, Teórico da Literatura e Militante político. Aqui, como já dito, por conta dos objetivos e limites deste artigo, apenas um desses aspectos será abordado, daí o caráter parcial deste trabalho em relação à totalidade da atuação de Candido.

Breves considerações sobre o conceito de *forma literária* em Antonio Candido

Em certa ocasião, o poeta concretista Haroldo de Campos afirmou que “Antonio Candido é sem dúvida o maior crítico brasileiro deste século” (CAMPOS, 1998, p. 1), referindo-se ao século XX. Penso que não há exagero nessa afirmação, e isso deve, no meu entendimento, ao fato de Antonio Candido se inscrever na tradição dos chamados Intérpretes do Brasil, ao lado de figuras de relevo do pensamento brasileiro como o historiador Sérgio Buarque de Holanda, o sociólogo Gilberto Freyre, o historiador Caio Prado Jr., o sociólogo Florestan Fernandes (de quem foi colega de departamento na USP), o economista Celso Furtado. Sua interpretação do Brasil, pensado concretamente como parte da totalidade mundial, se construiu por intermédio da literatura (ótica através da qual se enxerga o mundo), entendida enquanto um modo substancial de pensamento acerca da realidade histórica, social, psíquica, humana, isto é, acerca da vida. Assim entendida a literatura, a obra é um constructo artístico, independente, mas que contém em si certa visão a respeito do mundo, construindo um conhecimento novo acerca da realidade.

O ponto central da noção de forma literária de Antonio Candido é sua concepção materialista e concreta acerca do fenômeno literário, motivo pelo qual sua teoria é plenamente conectada à realidade, surge de um pensamento sistematicamente histórico; não se confunde, portanto, com uma teoria pura, nascida de abstrações. Na concepção materialista de Candido, a obra é entendida de modo integrador como parte de um contexto cultural, histórico e social, de onde ela provém e com o qual se relaciona, sobre o qual ela diz alguma coisa.

No seu clássico livro *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido explica que, diferentemente da visão formalista, para a qual a fatura artística é um universo autônomo e suficiente em absoluto, a visão estética “não prescinde o conhecimento da realidade humana, psíquica e social, que anima as obras e recebe do escritor a forma adequada” (CANDIDO, 1969, p. 30). Não há, desse modo, incompatibilidade entre estudar a obra como realidade própria, como configuração literária de um mundo virtualmente independente, e ao mesmo tempo, estudá-la inserida em seu contexto histórico, social, psíquico, cultural. Isto é, não há incompatibilidade entre literatura e sociedade, há, antes pelo contrário, articulação; tratam-se, portanto, de duas esferas que dialogam entre si, a esfera estética e a esfera da vida.

Para melhor exemplificar, vejamos como o Professor formula essa questão em seu ensaio “De cortiço a cortiço”:

[...] Nós sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal. [...] Num extremo é possível encará-la [a obra] como duplicação da realidade, de maneira que o trabalho plasmador fique reduzido a um registro sem grandeza, pois se era para fazer igual, por que não deixar a realidade em paz? [“A arte existe porque a vida não basta”, dizia Ferreira Gullar] É possível, noutro extremo, vê-la como objeto manufaturado com arbítrio soberano, que significa na medida em que nada tem a ver com a realidade, cuja presença eventual seria um restolho inevitável ou, de qualquer modo, um traço sem categoria hermenêutica. [...] Mas seria melhor a visão que pudesse *rastrear na obra o mundo como material*, para surpreender *no processo vivo da montagem* a singularidade da fórmula segundo a qual [o material] é *transformado no mundo novo, que dá a ilusão de bastar a si mesmo*. Associando a ideia de montagem, que denota artifício, à de processo, que evoca a marcha natural, talvez seja possível esclarecer a *natureza ambígua*, não apenas do texto (*que é e não é* fruto de um contato com o mundo), mas do seu artífice (*que é e não é* um criador de mundos novos) (CANDIDO, 2010, p. 107-108, grifos meus).

Aqui está explicada, de modo geral, a noção de forma literária desenvolvida pelo crítico. Em lugar de escolher entre a visão historicista – que reduz as obras literárias “a episódio de investigação sobre a sociedade, ao tomá-las indevidamente como meros documentos, sintomas da realidade social” (CANDIDO, 1969, p. 30) – e a visão formalista – “que se fecha na visão dos elementos de fatura como universo autônomo e suficiente” (CANDIDO, 1969, p. 30) –, o crítico entende que é na forma literária que se constrói a articulação, ênfase: a articulação, entre literatura e sociedade [o externo

torna-se interno: processo de estruturação, de formalização artística da matéria]. Assim, a obra reconstrói a seu modo a realidade que busca representar, realidade essa que passa a existir na forma literária enquanto material literário, enquanto linguagem, enquanto um mundo novo independente, mas que se relaciona com o mundo concreto. Embora filha do mundo, a obra é um outro mundo. A ideia de forma literária, portanto, está relacionada à construção, à formalização estética que o escritor realiza sobre um material histórico, social, psíquico, enfim, sobre a matéria à qual ele quer dar forma literária.

Repare-se na tensão dialética existente nessa noção materialista de forma literária; nela, as contradições não são excludentes entre si, pelo contrário, se integram numa totalidade, que é a própria forma literária. Quando Candido diz “rastrear na obra o mundo como material” (CANDIDO, 2010, p. 108), aponta para o fato de que a realidade está ali na forma literária, embora já transfigurada, transformada. Quando diz que assim é possível “surpreender no processo vivo da montagem a singularidade da fórmula segundo a qual [o material] é transformado no mundo novo, que dá a ilusão de bastar a si mesmo” (CANDIDO, 2010, p. 108), aponta para o fato de que é possível identificar – e esse é o trabalho do crítico – na forma literária a lógica segundo a qual o artista reordenou o mundo real e o transformou num mundo novo, que parece bastar a si mesmo, mas cujas conexões com a vida, com a história, com a sociedade, se reconstruídas pelo ato crítico, iluminam, potencializam e aprofundam a nossa compreensão do texto literário. Como explica o crítico, no prefácio de *O discurso e a cidade*, seu propósito sempre foi:

fazer uma crítica integradora, capaz de *mostrar* (não apenas enunciar teoricamente, como é hábito) de que maneira a narrativa [a literatura, de modo geral] se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser. No entanto, natureza, sociedade e ser parecem presentes em cada páginas, tanto assim que o leitor tem a impressão de estar em contato com realidades vitais, de estar aprendendo, participando, aceitando ou negando, como se estivesse envolvido nos problemas que eles suscitam. Esta dimensão é com certeza a mais importante da literatura do ponto de vista do leitor, sendo o resultado mais tangível do trabalho de escrever. (CANDIDO, 2010a, p. 9, grifos do autor).

Aqui é importante lembrar outra lição de Antonio Candido: o texto literário não é um mero reflexo dos fatos sociais, não há uma relação de causa-efeito entre os fatos sociais e o texto literário, o que existe é “uma deformação criadora, devida à tensão entre o desejo de reproduzir e o desejo de inventar” (CANDIDO, 2002, p. 55). Assim “toda análise formal bem conduzida termina por recuperar o conteúdo (histórico, social, psíquico), e toda análise adequada do conteúdo leva necessariamente à consideração da forma” (CANDIDO, 2002, p. 60). Chamo atenção na fala de Candido, novamente, para a dialética do texto literário, isto é, para essa complexa relação em que o texto é somente texto ao mesmo tempo que não é somente texto; em que o escritor cria mundos novos, mas não cria mundos novos. Ora, se a forma literária possui essa natureza ao mesmo tempo linguística e histórica, um dos modos legítimos de estudar literatura é “mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária” (CANDIDO, 2010a, p. 9).

Repare-se na importância de se pensar a forma literária dessa maneira. Quando se considera o externo (a realidade histórica, social, psíquica) enquanto elemento interno, no contexto da forma (já transfigurado artisticamente), enxerga-se a realidade através da lente do escritor, o real é visto pela ótica do artista, isto é, você vê e não vê o real. Por isso a maneira como o artista dá forma literária ao real é tão importante; por isso a configuração formal da obra literária importa mais, em última análise, do que simplesmente o conteúdo puro e simples que ela comunica, embora essas coisas estejam articuladas na forma. Quando se “reduz o texto literário a documento da realidade externa [lembra o crítico], mata-se a possibilidade de encará-lo como literatura” (CANDIDO, 2002, p. 55).

Assim, “a capacidade que os textos possuem de convencer depende mais da sua organização própria que da referência ao mundo exterior, pois este só ganha vida na obra literária se for devidamente reordenado pela fatura” (CANDIDO, 2010a, p. 10). Candido lembra, no clássico ensaio “O direito à literatura”, que “Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção” (CANDIDO, 2011, p. 179), construção essa que “nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada” (CANDIDO, 2011, p. 179), exercendo assim um “papel ordenador sobre nossa mente” (CANDIDO, 2011, p. 179).

O modo como a literatura atua sobre o leitor, através da forma, é um ponto crucial da noção de forma literária desenvolvida pelo crítico. Vejamos, no trecho seguinte, como ele elabora essa questão, tratando-a de modo extremamente refinado e palpável – o trecho é longo, porém importante para abordar esse assunto:

Quer percebamos claramente ou não [diz o crítico], o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. Por isso, um poema hermético, de entendimento difícil, sem nenhuma alusão tangível à realidade do espírito ou do mundo, pode funcionar neste sentido, pelo fato de ser um tipo de ordem, sugerindo um modelo de superação do caos. A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar, em seguida, a organizar o mundo. [...] Mas as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. Em palavras usuais o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. [...] A forma permitiu que o conteúdo ganhasse maior significado e ambos juntos aumentaram a nossa capacidade de ver e sentir (CANDIDO, 2011, p. 179-180).

Lembro, nesse sentido, e já me encaminhando para a conclusão, da importância de uma literatura que represente criticamente, discuta e reflita sobre os problemas concretos da nossa sociedade (brasileira e/ou mundial), uma literatura que traz um potencial efeito de formação crítica do sujeito, de enriquecimento da nossa visão acerca da política, das relações de poder, da dinâmica social, das relações humanas no contexto material (gênero, classe e raça), enfim, acerca da vida. Como lembra Antonio Candido, baseado em sua noção materialista de forma literária, como exposto, a literatura pode provocar:

o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor, [ela] desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos, abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

Vista desse modo, portanto, a literatura é uma forma de conhecimento inesgotável, seja do social, seja dos dilemas psicológicos do sujeito ou dos problemas atemporais da humanidade, reposicionando-nos diante da vida, das relações humanas e de nós mesmos.

Palavras finais

Antonio Candido desenvolveu, como exposto brevemente neste artigo, um conceito particular e específico de forma literária, composto por muitas dimensões e de onde se tiram importantes consequências teóricas e práticas.

Antes de mais nada, como busquei enfatizar, Candido defende e nos ensina a reconhecer e estudar o específico da literatura, seu carácter de constructo estético a um só tempo autónomo em relação à vida concreta e conectado a ela. Trata-se de um ponto essencial de sua noção de forma literária uma compreensão dialética do fenómeno, que articule, em lugar de apartar, as esferas do estético e da vida social.

Liga-se ao ponto anterior o carácter humanizador que possui a literatura vista a partir dessa noção de forma literária. O processo de humanização e formação crítica pelo qual pode passar o leitor decorre da organização estética específica, do modo como o escritor configura o conteúdo. É a forma que sensibiliza, que cria processos reflexivos em seu receptor, não o conteúdo sem tratamento estético.

Como também busquei enfatizar, já de saída neste trabalho, Antonio Candido se inscreve na tradição dos Intérpretes do Brasil, figurando em pé de igualdade com nomes como Caio Prado Jr., Florestan Fernandes, Celso Furtado, dentre outros de grande estatura intelectual. Isso se deve, como dito, à sua compreensão materialista sobre o fenómeno literário, isto é, ao fato de entender a literatura como um modo substantivo de conhecimento e reflexão acerca da realidade.

Antonio Candido interpretou o Brasil por meio da literatura não somente porque possuía um invejável tino materialista, mas, sobretudo, porque logrou realizar análises

estéticas integradoras, demonstrando – não apenas anunciando – as articulações existentes entre literatura e sociedade e tirando daí consequências teórico-críticas da maior relevância.

As lições que Candido deixou para a crítica são muitas, todas elas fundamentadas no pressuposto maior de toda a sua atividade intelectual: investigar as relações entre literatura e sociedade a fim de compreender, interpretar e transformar a realidade brasileira, sem nunca se afastar da vida concreta e dos problemas concretos do país.

Referências

CAMPOS, Haroldo de. *Antonio Candido: o maior crítico brasileiro*. 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs19079805.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 107-134.

CANDIDO, Antonio. Duas vezes ‘A passagem do dois ao três’. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção* (sel., apres. e notas de Vinicius Dantas). São Paulo: Duas Cidades/34, 2002. p. 51-76.

CANDIDO, Antonio. Pressupostos. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Vol 1. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969. p. 30-31.

CANDIDO, Antonio. Literatura como sistema. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Vol 1. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969a. p. 23-25.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Vol 1. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969b.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Vol 2. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969c.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 171-193.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 7-14.

SCHWARZ, Roberto. Saudação *honoris causa*. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 9-17

Revista de Letras Norte@mentos

500

Estudos Literários, Sinop, v. 17, n. 47, p. 491-501, jan./jun. 2024.

Recebido em: 24/01/2024

Aceito em: 28/03/2024